
ORi
Relatos,
experiências
e mediação
EDUCATIVO MMGV

Há bastante tempo, temos desenvolvido ações abertas ao diálogo com públicos diversos, lotados em escolas públicas, particulares, ONG's, espaços socioeducativos, entre outros. E a partir dessas trocas e construções possíveis, surgiu a ideia de um fanzine, que seria a materialização de pesquisas, práticas e experiências cotidianas.

Mas o que seria mesmo um fanzine? Nossa proposta caberia nesse formato?

Foi quando encontrei boas definições:

"É uma publicação feita pelos fãs"

"São elaborados por admiradores de certo assunto para pessoas que compartilham a mesma paixão"

Bem, a publicação seria produzida por pessoas adeptas e apreciadoras de um tema atual e caro: "Africanidades", em que relações étnico-raciais e histórias da África, das culturas africana e afro-brasileira seriam abordadas de forma reflexiva e poética.

Portanto, é um fanzine, e você tem o privilégio de recebê-lo.

Boa leitura!

Abraços,

Mabel de Melo Faleiro
Coordenadora do Educativo

ORI››››

RELATOS, EXPERIÊNCIAS E MEDIAÇÃO

Ana Luiza Neves[1]
Charles Souza[2]

Desde 2013, o Setor Educativo do Memorial Minas Gerais Vale vem refletindo sobre suas práticas, com o intuito de manter diálogos com questões sociais contemporâneas. Buscando diferentes olhares, experiências e vivências nos espaços expositivos, foram pensados eixos que perpassam temáticas relativas à Literatura, às Artes Plásticas, à História, dentre outras.

1 Mestre em História da Arte pela UFMG. Especialista em Arte-Educação pela UEMG. Bacharel licenciada em História pela PUC-MG. Assistente de Projetos do Educativo no Memorial Minas Gerais Vale.

2 Licenciado em História pela UFMG. Assistente Pedagógico do Educativo no Memorial Minas Gerais Vale

O eixo temático Africanidades e Memória propõe, por meio de pesquisas e práticas, ações de fortalecimento das identidades e apropriação das matrizes africanas presentes na sociedade brasileira. É preciso salientar que parte do trabalho hoje desenvolvido, nesse eixo, é fruto de uma parceria entre o Memorial Minas Gerais Vale e a SMED - Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte – que, por meio do Núcleo de Relações Étnico-Raciais, propõe, junto a alguns espaços museológicos da cidade, o percurso Território Negro. Este tem como principal objetivo favorecer a aproximação e o diálogo das escolas com os espaços museológicos, possibilitando a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africanas e afro-brasileiras.

Dentre as diversas ações desenvolvidas no eixo Africanidades, uma delas é este fanzine, que reúne textos e imagens acerca do nosso cotidiano como educadores no espaço do MMGV. Lidamos, diariamente, com questões relacionadas à formação cultural, à identidade, ao racismo, ao preconceito e a tantas outras inquietações que remetem à prática educativa. Esse enfoque aparece, claramente, no texto "Alteridade", de Smally Rodrigues. Por meio da reflexão em torno do termo, ele aborda o trabalho como educador e os diversos encontros – empatias e confrontos – diferentes pontos de vista e diálogos que este suscita.

Em "Construir a identidade vem do alto da cabeça", Henrique Bedetti expõe um assunto polêmico frente aos estudantes: o cabelo crespo e o que ele representa em nossa sociedade. Ao partir de experiências também vividas na sua prática cotidiana de educador, Bedetti traz, de forma crítica e reflexiva, a possibilidade de desconstrução dos preconceitos que nos cercam diariamente.

Em "Isso é Macumba?", Lauren Rial discute como tratar da religiosidade, tentando desfazer os nós de desconhecimento e

preconceito por parte de muitos. Ao partir de um relato pessoal, a educadora rememora como o tema passou a fazer parte de seu imaginário e, nos dias de hoje, como é possível suscitá-lo nas abordagens de diversos grupos recebidos no museu.

No texto "A Música e seus efeitos: uma experiência de mediação no Memorial Minas Gerais Vale", de Valdir Santos, a música – especificamente o rap – aparece como elemento disparador para o fortalecimento dos sentimentos de identidade e de pertencimento. Santos nos convida a pensar sobre as possibilidades do uso da música como fundamento para a reflexão crítica acerca de temas caros à sociedade brasileira, no caso, as nossas raízes africanas.

Marcela Apgaua, em um relato onírico, apresenta elementos da cultura africana ao falar, em primeira pessoa, dos escravizados que forçadamente foram trazidos ao Brasil e se transmutaram, formando a denominada cultura afro-brasileira.

Em uma poética realista, Juliana Silva traz o caminho percorrido pelos africanos escravizados e os resquícios do que ficou desse doloroso período de nossa História.

Assim como Juliana Silva, Larissa Altemar aborda as nossas africanidades em versos. Versos que rememoram a forçada e desumana travessia do Atlântico, a escravidão, o trabalho árduo. Os versos de Altemar vêm como um grito preso na garganta que não dá mais para silenciar.

Em "Aos Pés do Baobá: símbolos e simbologia Adinkra", Ana Luiza Neves e Henrique Bedetti relatam uma das ações educativas desenvolvidas e que se tornou referência do Educativo, com a criação de um baobá. O texto faz um breve apanhado das simbologias utilizadas na prática e discorre sobre o seu processo junto ao público.

Cada texto apresenta, com suas peculiaridades, o contato dos educadores do MMGV com a temática da história africana e da cultura afro-brasileira e as inúmeras possibilidades de abordagens e enfrentamentos com as quais se deparam.

As imagens que ilustram são do artista e educador Leopoldo Maia, que traz em ambos trabalhos suas pesquisas e sua militância em torno de assuntos que dialogam com a temática em pauta.

O nome escolhido para o fanzine, Ori, significa "cabeça", na língua yorubá. Refere-se à intuição, à personalidade e à sabedoria de cada um. Nome este pensado por representar nossas práticas, pensamentos, direções e questionamentos enquanto educadores dentro do espaço museal. Compartilhamos, assim, um pouco da nossa sabedoria, do nosso conhecimento, das nossas inquietações, do nosso Ori.



ALTERIDADE ››››

Smally Gonçalves Rodrigues[3]

A princípio, quando surgiu a ideia de se criar uma publicação sobre o trabalho desenvolvido no grupo "Africanidades e Memória", pensei em escrever sobre alteridade. Durante a elaboração do texto, os caminhos trilhados e construídos no próprio ato de escrever me direcionaram para outras temáticas, mas quando o mesmo foi concluído e devidamente analisado, descobri que a tarefa exigiria uma reflexão mais profunda – os comentários tecidos fizeram-me perceber que o meu "eu" não aparecia.

---

3 Licenciado em História pelo UniBH. Educador no Memorial Minas Gerais Vale.

Quando fui questionado a respeito de uma citação que fiz – na qual a partir da poesia de um "branco", carioca, de família abastada, propus uma reflexão sobre o ofício da mediação – perguntei-me qual lugar eu ocupava no meu grupo de estudos. Seria o do sujeito que se aflige com as mazelas da sociedade? Ou o do preocupado com as questões educacionais excludentes? Não sei dizer em palavras, mas agora sim, a questão da alteridade volta ao enredo.

A palavra alteridade surge a partir do termo latino "alteritate", que etimologicamente abrange os significados de diferença e diversidade. Discutido em várias correntes filosóficas, pode ser entendido, grosso modo, como uma relação de sociabilidade definida nas diferenciações surgidas no contato do indivíduo com o meio (pessoas e ambiente). A lógica pauta-se na interdependência entre as partes, ou seja, o sujeito apenas existe no contato com o outro. Essas vivências nos deslocam para lugares inquietantes, reflexivos, onde experimentamos sensações e nos dispomos, quem sabe, a pensar e rever pontos de vistas.

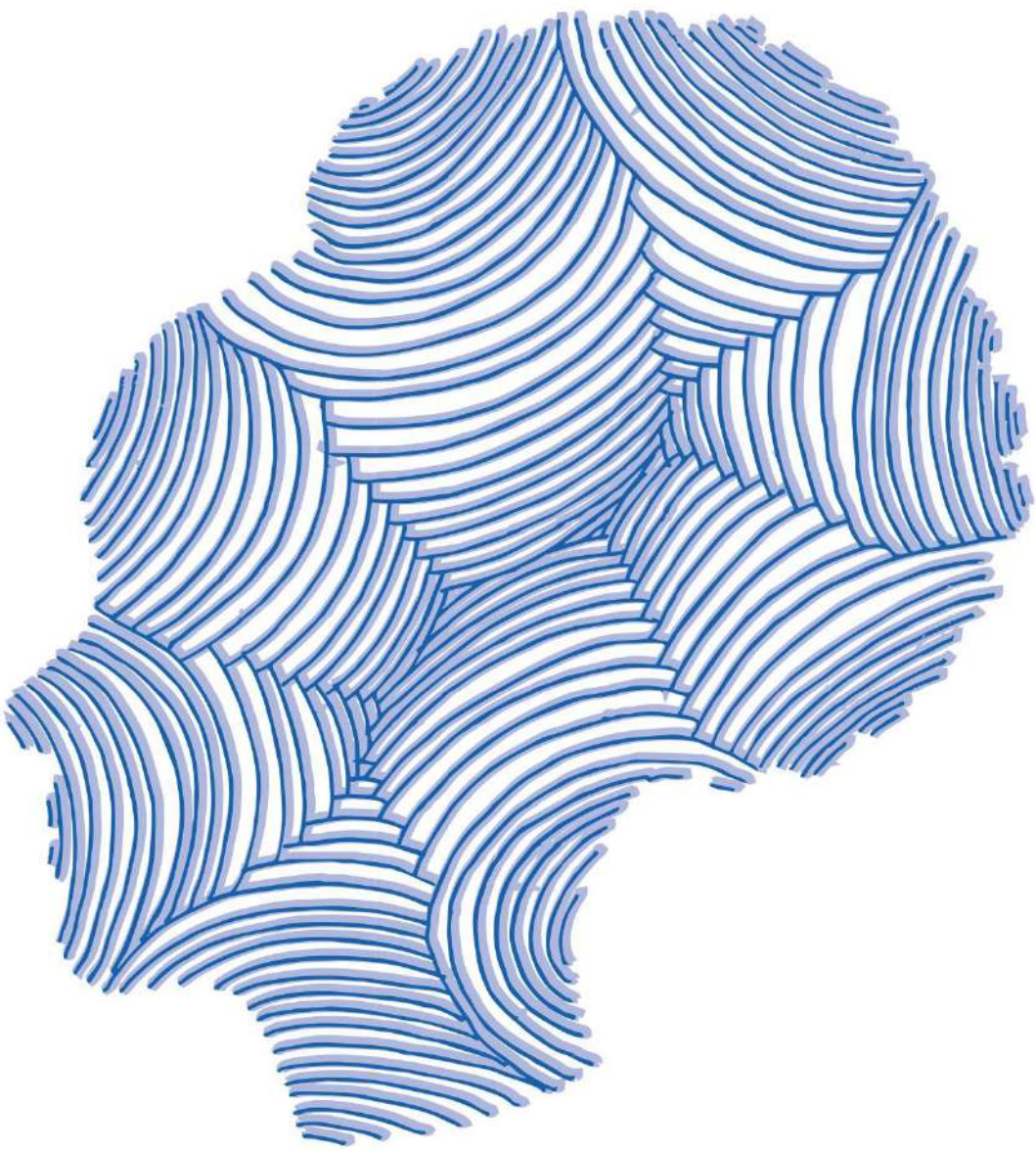
Partindo dessas definições e da minha experiência como educador no Memorial, percebo que a relação estabelecida entre a minha participação, como mediador, em um grupo que trabalha com questões referentes à influência dos povos africanos na nossa cultura, é uma relação empática. Entendendo que empatia se relaciona com compreensão que temos do outro de forma afetiva, e acredito que o trabalho de mediação nos proporciona situações nas quais podemos experimentar diversas formas de reações emocionais.

Refletindo, percebi que não preciso sofrer na pele para saber que vivemos em uma sociedade machista, sexista e preconceituosa. Dadas essas constatações, ocupo-me de buscar subsídios para subverter a ordem. É assim que vejo o trabalho museal – uma possiblidade de desnaturalizar as mazelas do cotidiano.

Afinal, trata-se de um problema social, não de grupos específicos. Acredito que os estudos desenvolvidos, aqui no Educativo, nos proporcionam compartilhamento de experiências e visitas mediadas, espaço fértil para o enfrentamento contra as várias manifestações do preconceito.

Para dar suporte às mediações, temos, em nosso acervo, recursos que nos fazem refletir sobre os estereótipos construídos na sociedade. A imagem do negro, nas telenovelas, pode ser utilizada como exemplo. Salvo raras exceções, ele aparece representado como o porteiro, a doméstica, o segurança da mansão, dentre outras profissões. Aqui não cabe a discussão a respeito das profissões em si, não estou questionando a importância que elas possuem em nossa sociedade, mas, sim, o fato de que a maioria desses personagens é representada por negros na mídia. Raramente eles aparecem como advogados, médicos, políticos ou empresários, Recursos que contrapõem essa ordem, preestabelecida provocam reflexões e nos convidam a rever nosso ponto de vista e, enfim, problematizar as várias construções presentes nas sociedades humanas.

A ação mediadora, seus anseios e s uas angústias: o compartilhar, o não dito e o estar disponível, nos mostram que trabalhar com o outro é uma via de mão dupla, um desafio! Ainda mais quando lidamos com assuntos do passado tão presentes. Esses, se não forem discutidos e problematizados, podem permanecer nas gerações futuras, perpetuando estereótipos. Acredito que a função do educativo, de uma instituição museal, é provocar, tirar da zona de conforto. E neste deslocamento, misturado com encantamento e deslumbre, quem sabe o meu "eu", e o outro, saiam instigados a pensar?



CONSTRUIR A IDENTIDADE VEM DO ALTO DA CABEÇA ›››

Henrique Bedetti[4]

Pensar o cabelo é ação que vai além dos segundos contemplativos frente à prateleira do supermercado. Momento em que se lembra das madeixas esvoaçantes de brilho ofuscante da anoréxica e irreal modelo, no comercial de TV. Vai além da escolha do corte ou da forma de penteá-lo. É ação que ultrapassa rasas discussões acerca de estilo, estética ou do cabelo enquanto simples balizador da aparência do sujeito.

Essa massa de queratina que se ostenta sobre a cabeça é agente provocadora de embates e debates, de deboches e elogios, constrói e também destrói sonhos e sujeitos. Quando se trata do cabelo crespo, dos cabelos de negras e negros, dos nossos ancestrais africanos, a discussão toma níveis mais elevados.

---

4 Bacharel e licenciado em História pelo UniBH. Educador no Memorial Minas Gerais Vale.

No evento da diáspora africana, atitudes muito estratégicas davam aporte ao processo de sequestro dos povos africanos e sua inserção no trabalho escravo nas Américas. Era um processo de desumanização, a fim de que seus traços culturais e identitários fossem negados e extirpados do sujeito. De uma maneira simbólica, esse processo se reforçava quando o negro tinha sua cabeça raspada e aquela característica que identificava seu grupo étnico, comunidade ou reino desaparecia no vento. Em seguida, essas pessoas eram obrigadas a darem voltas em torno de uma árvore que simbolizava o esquecimento, o rompimento para que suas memórias ficassem em solo africano e não fossem levadas para o outro lado do Atlântico. A partir de então, tudo que fosse relacionado ao negro era considerado inferior em todos os aspectos. Em contrapartida, o pensamento eurocentrista evidenciava e celebrava tudo que fosse concernente ao velho continente. E nos processos de ocupação das Américas, buscava-se repetir o "modus vivendi" europeu.

Ecos desse momento soam ainda em nossos dias. Mesmo com tantas conquistas, o problema ainda persiste e, num processo de ação e reação, podem-se perceber movimentos que lutam pelo fim do racismo e pela igualdade e celebram toda ancestralidade e cultura dos povos africanos. Porém, é fácil perceber muitos comportamentos racistas, e muitos deles partem da forma como o cabelo crespo é visto. Seja no trabalho, em sala de aula ou em ações educativas, em museus, o desafio está presente e é diário. Estimular negras e negros a se aceitarem e a celebrar o próprio corpo e suas origens, num momento sério de construção de identidades, que é a adolescência, é um trabalho hercúleo, mas também não é de se causar tanto espanto. Esses jovens não se veem representados na enxurrada de publicidade e informação pelas quais são alvejados. Ouvir os próprios jovens em conflitos consigo mesmos, não se aceitando e com vergonha da própria aparência, deve chegar aos ouvidos dos

profissionais da educação como um alerta, um grito de socorro, uma convocação para a luta.

Questões como esta sempre são abordadas nas mediações que compõem o trabalho de ações e políticas afirmativas e de relações étnico-raciais no Memorial Minas Gerais Vale. O percurso "Africanidades e Memória" se propõe a evidenciar a presença da cultura africana em Minas, estimulando e celebrando o respeito à ancestralidade frente aos povos africanos.

Neste trabalho, comentários, dúvidas e abordagens das mais variadas embalam as ações. Muitas delas nem tão agradáveis ou justas, mas também nem tão surpreendentes. Pois, segundo defende Neusa Santos SOUZA (1990, p.77), ser negro no Brasil é tornar-se negro. Assim, para entender o "tornar-se negro", num clima de discriminação, é preciso considerar como essa identidade se constrói no plano simbólico. Refiro-me aos valores, às crenças, aos rituais, aos mitos, à linguagem. Junto a isso, Nilma Lino GOMES (2002, p.2) endossa que o cabelo do/a negro/a é considerado não de maneira isolada, mas dentro do contexto das relações raciais construídas na sociedade brasileira. Estas são o pano de fundo sobre o qual as representações negativas sobre o negro, assim como as estratégias de reversão destas, se realizam. O entendimento desse contexto revela uma complexidade: o cabelo crespo e o corpo negro só adquirem significado quando pensados no cerne do sistema de classificação racial brasileiro.

Em certa mediação no ano de 2014, com jovens na faixa etária dos 16 anos, uma discussão após o vídeo dos povos africanos – que se encontra na sala O Povo Mineiro – mudou os rumos da visita. A simples observação dos espaços expositivos deu lugar a um caloroso debate sobre cabelo e identidade negra. A tensão do debate foi benéfica para discutir questões caras no que tange à formação identitária e crítica de jovens alunos da

rede pública municipal, moradores de periferias, e que devem também abarcar jovens de outros sistemas de ensino e regiões.

Anterior à exibição do vídeo, fizemos uma prática que propõe lançar um olhar mais cuidadoso ao outro. Formadas duplas, cada um com um espelho de bolso e de costas para o outro, foram convidados a observar o colega por um campo de visão limitado, mas que permitia ver detalhes que não observamos com o olhar convencional. Enquanto os pequenos detalhes eram observados, fazia comentários relativos à tolerância, contra o preconceito racial, autoaceitação, contra o bullying etc.

No entanto, após a prática e o vídeo, os jovens ainda mantinham as mesmas visões estereotipadas frente a eles próprios. Negros e negras reforçavam a famigerada classificação maniqueísta de cabelo ruim (cabelo crespo / africano) versus cabelo bom (cabelo liso / europeu). Diante dos comentários, os provoquei falando sutilmente que a visão que eles carregavam repetia atos racistas. Eles se assustaram e, claro, negaram a minha afirmação.

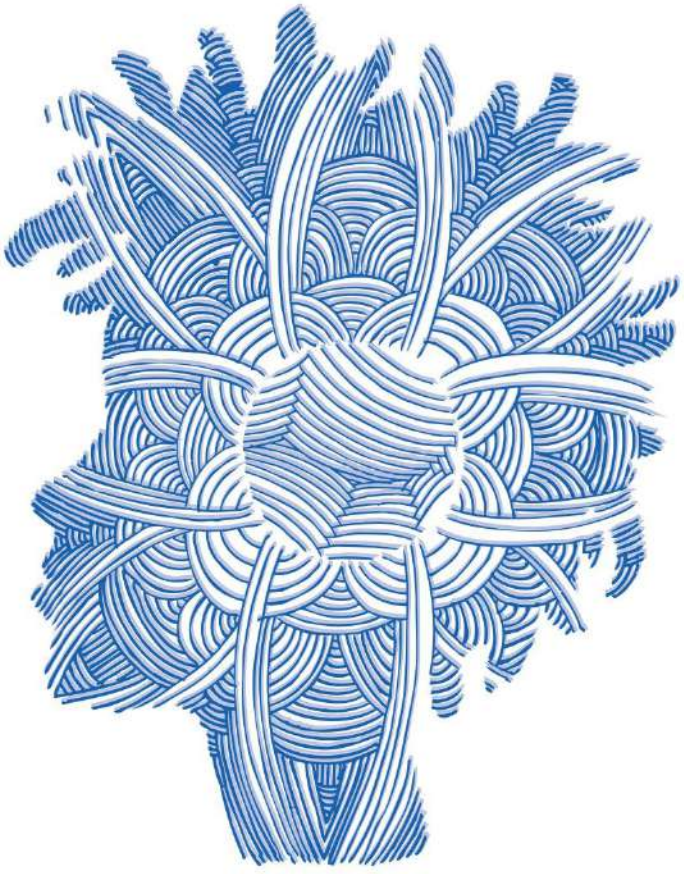
O curioso é que eles não conseguiam explicar por que o crespo é ruim e o liso é bom. Eu insistia: «Expliquem-me o porquê disso». Até que uma garota negra comentou: «Ah, porque o liso lembra a Europa, da elite, dos filmes de princesa. Já o da negra lembra sempre o negro pobre, sujo, escravo. Não, quer dizer, não é que a negra é suja, mas é que lembra e... Ah, sei lá, fessô! Nós é racista não, véi!"

Enfim, eles reconhecem que existe o crime, o quão ruim esses atos racistas podem ser mesmo na sutileza de pequenas práticas diárias, mas os repetem e sem perceber se inferiorizam, não se aceitam. É triste, porém desafiador, perceber como que o "pequeno racismo nosso de cada dia" está introjetado nesses jovens que são incapazes de olharem para si mesmos. Qualquer

outro discurso que fuja da informação manipulada, que reforça (em grande parte pela televisão) estereótipos diferentes da realidade da maioria dos brasileiros, é para eles de difícil entendimento.



Os novos tempos nos chamam a pensar em novas abordagens, mais atrativas, contundentes, e que sirvam de norte à tomada de posturas mais questionadoras e críticas para um alunado que se afasta e não se vê na escola ou em outros espaços que tentam acolhê-lo e orientá-lo. Apoiados em modelos prontos, massivamente jogados aos jovens, os mesmos se distanciam de suas origens e não se sentem atraídos a conhecer e repetir a cultura de seus antepassados, aceitando os poucos lugares oferecidos por não se verem como agentes transformadores da sociedade. Reverter esse quadro é nossa missão.



Marcela Apgaua[5]

... E então lá estava eu, imersa em meu sofrimento. O laço havia sido desfeito. O laço do pano que ligava meus filhos à segurança do meu corpo! Os desterros daqueles mares eram o convite para partir para uma viagem de solidão sem horizontes! Em meio às penúrias, minha mãe Yemanjá me enrolou em seus panos, me confortou com as lembranças, me embalou com a saudade e eu adormeci. Desembarquei sozinha, resisti ao escorbuto, tuberculose, troquei o banzo pelo tabaco. As feridas com o tempo foram se fechando, mas eu possuía um deserto em meus olhos! Lá estava eu em uma terra desconhecida, que apesar das penúrias deste meu destino também era uma terra que por vezes eu abençoava aspergindo as águas de Oxum! Pois era uma terra de Xangô! Eu era uma negra, muçulmana, Ijexá, Ebá, Aboum, Haussá, Itaqua, Cambinadas, Oyo, Nagô, Angola, Jeje, Mina, Congo, Rebolo, Monjolo, Quinoa no Cais do Valongo, na lavação das escadas de Salvador! Vendendo quitutes nas ladeiras de Vila Rica, amamentando filhos que não eram meus! Benzendo em segredo, dançando em rodas nos quilombos em noites escuras. Eu sou uma negra que deixara suas raízes embocadas no solo seco e resistente da savana, que por vezes se cobriu para se proteger do sol com mantos tuaregues em meio aos desertos, que chora pelos seus filhos assassinados em chacinas policiais nas favelas, de black power de trança, de punhos tão duros como o Kimberlito, que guarda em suas veias as riquezas mais preciosas. Eu sou o próprio diamante! Brilhante escuro e forte. Eu povoei o mundo de vida! Eu sou a África!

5 Bacharel licenciada em Geografia pela PUC-MG. Educadora no Memorial Minas Gerais Vale de 2013 a 2016.



"ISSO É MACUMBA?"›››

Lauren Rial [6]

Durante as visitas, inúmeras vezes ouvi essa pergunta de crianças e adolescentes assim que entrávamos na sala Festas e Celebrações. Esta sala encontra-se no terceiro andar de exposições do Memorial Minas Gerais Vale e aborda as principais tradições e festividades religiosas do Estado, como Congado, Ritual de Benzeções, Folia de Reis, entre outras.

O espaço faz uma referência especial ao Congado, uma das mais importantes tradições culturais de Minas Gerais. Ele recria a história da escravidão e da resistência negra ao lado da devoção à Nossa Senhora do Rosário e a outros santos católicos. A exposição, além de objetos, tais como bandeirinhas coloridas, imagens de santos e tambores, é composta por bonecos feitos de argila que representam as demais celebrações festivas mineiras.

6 Bacharel licenciada em História pela UFSJ, Especialista em Culturas Políticas, História e Historiografia pela UFMG. Educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

Rapidamente, a turma associava todo esse cenário à macumba e eu, então, começava a questioná-los: "O que é macumba?" "Por que acham que aqui tem macumba?" E geralmente eles não tinham resposta alguma. Permanecia o silêncio ou surgiam respostas vagas. A partir daí, para mediar a questão, eu mostrava a imagem de um instrumento musical chamado macumba e pontuava que era de origem africana. Trazia a reflexão de que certos objetos, rituais, danças e músicas, que achávamos estranhos e tínhamos medo porque não sabíamos bem do que se tratava, chamávamos de macumba, de forma pejorativa, muitas vezes sem perceber, porque naturalmente internalizamos a ideia de que o que vem da cultura africana não é bom.

Lembro-me de ver na minha infância a festa dos santos gêmeos Cosme e Damião, protetores das crianças, na qual havia distribuição de doces. Um dia, um grupo de pessoas que participava da festa jogou balas na porta da minha casa e eu corri para pegar, mas familiares que estavam comigo me impediram porque, segundo eles, aquilo era macumba e eu não devia comer. Muito tempo depois, vim a saber que Cosme e Damião são sincretizados no candomblé – religião brasileira dos orixás, deuses africanos que correspondem às forças da natureza, e que se constituiu na Bahia no século XIX – como os orixás Ibejis. Entendi que provavelmente venha daí a relação feita da festa desses santos com algo ruim, ou seja, com macumba, e que muitas pessoas internalizam essas atitudes desde pequenas e passam a reproduzi-las sem problematizá-las.

Para entender melhor essas questões e fundamentar a mediação, fiz algumas pesquisas e constatei que a ideia de macumba, tão recorrente no senso comum e reproduzida pelo público durante as visitas, foi construída no imaginário brasileiro desde o tempo da escravidão, quando as práticas



religiosas e culturais dos negros eram vistas como bruxaria e proibidas de serem realizadas e, por isso, é tão comum que sejam confundidas com oferendas, que no candomblé, por exemplo, se remetem a doações ou presentes, envolvendo animais ou alimentos, em homenagem a determinado Orixá.

Também macumba é o nome de uma árvore africana, da mesma família do Jequitibá, de cuja madeira o instrumento musical é produzido.

Portanto, associar elementos culturais e religiosos de matrizes africanas à macumba, é uma forma de expressar preconceitos já incorporados, difíceis de serem desconstruídos. Como educadores, devemos contribuir para a desnaturalização desse pensamento, e a problematização pode ser um bom começo.

Dizer que a exposição da sala Festas e Celebrações é macumba e não saber explicar o porquê é uma percepção equivocada e preconceituosa, permeada pela intolerância e a discriminação.

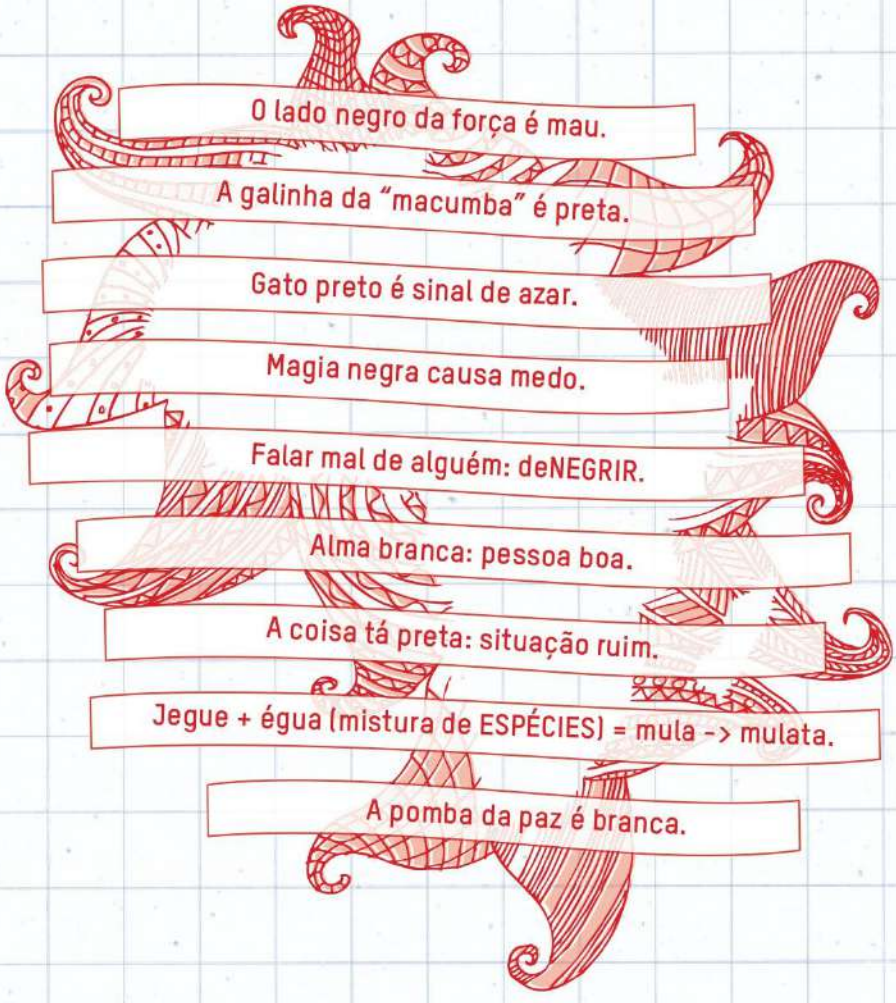
Referências:

- Vídeo: Tudo que você queria saber sobre macumba e nunca teve coragem de perguntar. (Disponível no Youtube).
- MORAIS, Mariana Ramos de. NÃO CHUTE, É MACUMBA! OU MELHOR, UMA OFERENDA! – NOTAS SOBRE AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO CONTEXTO DA LEI 10.639. Revista Educação e Políticas em Debate – v. 2, n. 1 – jan./jul. 2013.
- O que é macumba. Revista Mundo Estranho. Disponível em: http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-macumba
- Macumba x Oferenda: desvendando as verdades de uma crendice popular. Disponível em: https://diariodosorixas.wordpress.com/tag/preconceito-no-candomble/
- Você conhece macumba? Disponível em: http://www.painelflorestal.com.br/arquivo/voce-conhece-macumba-097b095627423244339220 8f9e7f6038
- Os Orixás. Disponível em: https://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/
- Candomblé e umbanda: Religiões africanas e sincretismo religioso. Disponível em: http://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/candomble-e-umbanda-religioes-africanas-e-sincretismo-religioso.htm
- Hoje é dia de São Cosme e Damião; conheça a história dos santos que protegem as crianças. Reportagem da folha de São Paulo, de 27/09/2013, disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/09/1347930-hoje-e-dia-de-cosme-e-damiao-conheca-a-historia-dos-santos-que-protegem-as-criancas.shtml
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.



Leopoldo Maia[7]

Questionar os termos que corroboram para a desvalorização dos costumes, religiões, fenótipos e culturas africanas, a fim de compreender as origens dessas expressões; e provocar reflexões que visem fortalecer uma crítica apurada, acerca desse tema, é um ato de coragem e educação.



É preciso nos conscientizarmos de que a negação dos corpos, cabelos, roupas e acessórios, de origem africana, foi utilizada pelos colonizadores europeus para justificar a escravidão negra. Classificando as características negras como ruins e inferiores, os atributos brancos foram exaltados, tidos como melhores e colocados como ideal a ser seguido.
Às vezes, utilizamos expressões de cunho racista, que estão arraigadas na nossa cultura e que foram normalizadas, tidas como comuns e não ofensivas. Porém, estamos, na verdade, reforçando discursos que diminuem algumas pessoas e isso acontece mesmo que não tenhamos uma intenção ruim. Faz-se necessário ficarmos atentas e atentos para não repetirmos e reforçarmos o preconceito, a discriminação.

7 Licenciado em Artes Plásticas pela UEMG. Educador no Memorial Minas Gerais Vale.

Juliana Silva[8]

Os africanos foram transformados em mercadorias.

Foram impostos ao trabalho forçado.

"E marcados pela pigmentação de sua pele,

Se tornaram, na visão dos dominadores,

Uma essência racial imaginária e inferior: a de negro."

Como herança da escravidão, o preconceito racial ficou.

Muito lutamos para não mais haver o pensamento arbitrário.

E como esquecer tudo que já passou?

Ainda vemos pessoas atravessando a rua

Porque tem negro vindo do lado contrário.

O que o impede de reconhecer seu poder

É isso de negar sua ascendência.

Sua cultura, sua história e seu modo de viver.

Mas o que seria de nós se não fosse essa grande resiliência

Que nos faz existir, resistir, crescer e aprender.

8 Bacharel e licenciada em História pelo UniBH. Educadora no Memorial Minas Gerais Vale.

A MÚSICA E SEUS EFEITOS: UMA EXPÊRIENCIA DE MEDIAÇÃO NO MEMORIAL MINAS GERAIS >>>

Valdir Santos[9]

"A importância da palavra entre as sociedades africanas reaparece numa das mais fortes manifestações afro-brasileiras contemporâneas: o rap. Nele, a força da musicalidade africana está presente em circuitos que unem os negros dos Estados Unidos aos negros do Brasil. Tanto os ritmos marcados e repetidos, como a força da palavra, e especialmente da palavra cantada, remetem a características das sociedades africanas. Além de narrar fatos do cotidiano e fazer a crônica dos acontecimentos, como fazem as sociedades africanas, as letras de música do rap denunciam a opressão e a marginalização a que estão submetidos os habitantes das periferias dos grandes centros urbanos, em sua maioria negros e mestiços.

(SOUZA, 2006,p.138-139)

9 Graduado em Biblioteconomia pela UFMG. Educador no Memorial Minas Gerais Vale de 2014 a 2016.

O presente trecho tem como objetivo ilustrar um relato de visita realizada no segundo semestre de 2014, em que a música, em especial o rap, foi elemento primordial para o seu êxito e também para a mediação do conhecimento, do qual estava incumbido em ministrar. Ao receber os estudantes do 7º ano do ensino fundamental da rede pública de Belo Horizonte, transcorri, a priori, numa recepção aos estudantes que consistia em explicar-lhes o tema que iríamos abordar no nosso percurso. Estava apontando a relevância da participação de todos para a visita correr de forma interessante e refletirmos em torno do tema Africanidades, constituído no presente espaço, sob a égide das percepções e da aplicabilidade da lei n 10.639/03, que estabelece as relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileiras nas escolas. Vale aqui ressaltar a complexidade da mediação abordando este tema, visto que percebemos um enorme déficit de informação sobre o continente africano, ainda que as discussões tenham se ampliado a partir da introdução do ensino de Africanidades nas escolas que possuem, muitas vezes, uma visão eurocentrista.

Nessa perspectiva, conversávamos sobre inclusão social e cultural, ações afirmativas, discriminação etc. Notava-se que parte significativa dos alunos estava desinteressada e dispersa. Precisava de algo que tivesse algum impacto para que todos se envolvessem de forma efetiva. Desta maneira, propus leva-los à sala O Povo Mineiro, que é um espaço onde se apresenta, de maneira muito interessante, as três matrizes inicias da formação étnica do Brasil: a indígena, a africana e a europeia e suas enormes contribuições para a formação cultural do nosso povo. Levei-os para assistirmos, especificamente, ao vídeo dos povos africanos. Ao entrarmos percebi o quanto a música constitui um fator de inserção e pertencimento, pois, através da audição da trilha sonora da sala, em questão, todos já se interessaram. A princípio, pelas imagens e, logo em seguida, pela fala, a linguagem e toda a estética ali proposta. Mas ao final, quando a música entrou como elemento principal, pôde-se perceber a força de tal manifestação.

A música brasileira, que tanto esteve presente em minha formação cultural, agora mais uma vez foi grande parceira para conduzir os educandos, reafirmando sua riqueza estética, rítmica e educacional. Numa espontaneidade e descontração incríveis, o grupo, quase em sua totalidade, se entregou a dançar pelo "salão", estabelecendo-se, assim, um ambiente muito harmônico e um maior envolvimento com a visita. A sensação de identidade que a música produziu no grupo me fez constatar o quanto devemos à "Mãe África" esse imenso legado cultural.

A música à qual me refiro é o inteligente samba-rap "Sou Negrão", de autoria do rapper Rappin Hood, com participação da diva do samba, a cantora e compositora Lecy Brandão. A audição dessa música produziu no grupo um efeito contagiante de alegria e bem-estar, conduzindo-os a um despertar para a valorização da cultura africana e o seu caldeirão de influências na formação cultural brasileira, fazendo com que o grupo se interessasse pelo espaço e, ao mesmo tempo, se identificasse com ele. Ao sair da sala e dar sequência à visita, pude observar, na prática, o quão envolvidos, agora, estavam os estudantes.

Nessa experiência, constatei, mais uma vez, o tamanho da responsabilidade dos educadores/mediadores na formação cultural de crianças, jovens e adultos, ressaltando também o papel dos museus nesse contexto, bem como o poder de transformação que a música produz nas pessoas. Considero a temática Africanidades/História da África de suma importância, percebendo que este tema diz respeito a nós mesmos, à nossa cultura e identidade, e que essa discussão deve transpor os muros das escolas, expandindo esses saberes, também, nos museus, arquivos e bibliotecas. E, sobretudo, considero os educadores como agentes de mudança e mediadores na perspectiva de promover reflexões acerca do valor da cultura africana e afro-brasileira, observando sempre como a música pode ser uma grande aliada neste processo. Considerei essa visita memorável e extremamente gratificante.

Gratidão à África, Brasil, Lecy Brandão. Valeu, Rappin Hood!!! Valeu, Renegado!!!

Referência: SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. São Paulo: Ática, 2006, 175 p.



AOS PÉS DO BAOBÁ: SÍMBOLOS E SIMBOLOGIA ADINKRA >>>

Ana Luiza Neves
Henrique Bedetti

Aos Pés do Baobá é o nome de uma das práticas educativas realizadas pelo Grupo de Estudos Africanidades e Memória na qual, junto a um Baobá fictício, os visitantes recebem um cartão que pode ser dividido em dois: uma parte com dizeres que apresentam os dois símbolos – os Baobás e os Griots –, e a outra, que pode ser destacada, é um espaço de trocas. Fazendo uso de materiais disponíveis (canetas, lápis, giz de cera e carimbos), os visitantes repetem, ainda que de maneira muito simples, o ato do Griot, quando deixam uma mensagem, uma memória, uma marca pendurada no Baobá. A resposta é direta e estimulante: os visitantes se identificam, se encantam e participam com vontade e curiosidade.

A transmissão de conhecimentos por meio da oralidade, a contação de histórias e os "causos" são elementos que permeiam não só a cultura africana, mas que também fazem parte de uma tradição mineira desde os primórdios. A oralidade, também muito presente no nosso trabalho de mediação, encontra com essas tradições e transforma os visitantes em agentes reflexivos diante do outro, diante do desconhecido.

À imponência e à longevidade dessa árvore, somam-se muitos valores sociais. Os Baobás são reconhecidos como "árvores do conselho" e "árvores da vida", em cuja sombra se reúnem grupos de anciãos, atuam os contadores de histórias e se encontram as pessoas da aldeia. O Baobá é, por excelência, o guardião de lendas, mitos e memórias. Na cosmogonia Yorubá, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material.

Outro símbolo da prática é o Griot, o mais notável representante da tradição oral das nações africanas. Guardiões da memória, eles são responsáveis por transmitir saberes antigos que povoam a sociedade africana e ajudam, ainda hoje, pelos fios da continuidade, a tecer o curso da história. A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. Os Griots relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, deverão ser ouvidas entres as gerações seguintes (NASCIMENTO; RAMOS, 2011) [10] garantindo, dessa maneira, a perpetuação dos costumes.

Outra simbologia pode ser destacada nesta prática: a Adinkra, apresentada em forma de carimbos.

Adinkras são símbolos produzidos por um dos muitos povos africanos, os Akan – grupo étnico e linguístico da África Ocidental –, e representam provérbios e aforismos por meio de

10 NASCIMENTO, Lidiane Alves do. RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. Disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/viewFile/775/pdf_28 . Consultado em 27/01/2015.

ideogramas impressos, em padrões repetidos, sobre um tecido de algodão, cerâmica, bronze e, algumas vezes, na arquitetura.

Através dos Adinkras, é transmitida a sabedoria tradicional, os aspectos da vida, do ambiente e da cultura local, formando uma espécie de dicionário de valores: família, integridade, tolerância, humildade, força, harmonia, determinação, entre outros. Existem centenas de símbolos e a maioria deles é de origem ancestral, inspirados em elementos da natureza, como plantas, animais etc.

O conhecimento desta simbologia é transmitido de geração em geração e acredita-se que tenha se iniciado no século XVI. Quando surgiram, os tecidos carimbados eram utilizados, principalmente, pela realeza e líderes espirituais em funerais e expressavam as qualidades atribuídas à pessoa que havia falecido. Hoje, podem ser usados por qualquer pessoa, mas, na tradição africana, somente em cerimônias especiais: funerais, festivais tradicionais, ritos de iniciação, como o da puberdade, casamentos etc.

Interessante entendermos que o Adinkra é um dentre os vários sistemas de escrita existentes no continente africano, onde a cultura é notadamente reconhecida pela tradição oral. E, da mesma maneira que os documentos escritos materializam a história nas sociedades ocidentais, em muitas culturas africanas é a arte que traz o conhecimento do passado até o presente.

Para saber mais: O dicionário Adinkra: uma cartilha visual na linguagem de Adinkra, por W. Bruce Willis.



CABO DA TORMENTA ›››

Larissa Altemar[11]

De onde vem o eco
vem a onda do cabo das tormentas
deságua no leito do Francisco
povoa a mina, o chão, o porão
Vem o eco
Vem a enxada, o arado, a imagem
Refeita com o pó desse chão
Eco do engasgado, eco ogum que suspende o chão
De onde vem o eco se não daquela mão
no algodão, no pano, no ferro, no fogão
Eco na onda que ainda sente o peso do negreiro
eco maior
Eco de um cabo de tormenta
que ainda ecoa um grito, agora menos silenciado
que ainda precisa da mão
Eco, muda o curso dessa onda?

Esse poema é fruto de palavras e conversas vividas e ouvidas nas mediações de visitas no MMGV, em 2015. Embora procuremos sempre ressaltar a riqueza e os valores da cultura e das histórias africanas, ainda chama-nos atenção a recorrência de falas que reduzem a história do negro ao escravo. Por isso, o poema convida para que ecoem as outras tantas imagens e pensamentos em torno dos africanos e afrodescendentes em nosso país.

11 Mestranda em Educação pela FAE/UFMG. Licenciada em Teatro pela EBA/UFMG com graduação sanduíche pela UNIFI/ Itália. Educadora no Memorial Minas Gerais Vale.



FICHA TÉCNICA >>>

Gestor
Wagner Tameirão

Coordenadora do Educativo
Mabel Faleiro

Assistentes do Educativo
Ana Luiza Neves
Charles Souza

Educadores colaboradores
Ana Luiza Neves
Charles Souza
Henrique Bedetti
Juliana Silva
Larissa Altemar
Lauren Rial
Leopoldo Maia
Marcela Apgaua
Nancy Mora
Smally Rodrigues
Valdir Santos

Ilustrações
Leopoldo Maia
Nancy Mora

Projeto Gráfico
Nancy Mora

